



I ENCONTRO DE EDUCAÇÃO POPULAR DO CEU HELIÓPOLIS – METODOLOGIAS, EXPERIÊNCIAS E CONCEPÇÕES

LIMA, Meire Regina de
Coordenadora de Projetos Educacionais - CEU Heliópolis Profª Arlete Persoli

meirelim4@Gmail.com

**EIXO TEMÁTICO: SUJEITOS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS E
DIVERSIDADE**

RESUMO

O bairro de Heliópolis se formou a partir dos movimentos sociais, com o apoio das comunidades de base da década de 1980, fato fundamental na estruturação de diversos movimentos sociais, que se fundiram para garantir direito à moradia, à saúde e à educação. O CEU Heliópolis nasce desses movimentos, concretizando uma luta de quase quarenta anos por garantia de direitos, e traz em sua gênese o diálogo democrático com os movimentos sociais do bairro e um compromisso constante de preservar sua história, suas lutas e conquistas. Este artigo apresenta os caminhos percorridos para a realização do I Encontro de Educação Popular do CEU Heliópolis Profª Arlete Persoli, Pensamos a Educação de Jovens e Adultos na perspectiva da Educação Popular, como uma opção político-ideológica, comprometida com a história de Heliópolis.

O I Encontro de Educação Popular do CEU Heliópolis é um projeto que nasceu com a intenção de integrar as diversas modalidades de Educação de Jovens e Adultos que atuam no bairro, criando momentos de reflexão sobre as práticas e concepções que vêm sendo construídas ao longo da história e que ainda precisamos construir coletivamente, com vistas à formação de um Fórum de Educação de Jovens e Adultos em nossa região.

Palavras chave: Educação Popular, Educação de Jovens e Adultos, Direitos Humanos, Currículo.

Introdução:

*“...Brasi caboco num sabe
falá ingrês nem francês,
munto meno o português
qui os outros fala imprestado...”*

*Brasi caboco num inscreve;
munto má assina o nome
pra votar pru mode os home
sê gunverno e deputado*

*Mas porém, Brasi caboco
é um Brasi brasileiro,
sem mistura de instrangero
é um Brasi nacioná!”*

(Zé da Luz, poeta popular brasileiro).

A ideia de criar um encontro de educação popular no CEU Heliópolis, surgiu a partir da necessidade de criar espaços de discussões e reflexões sobre as diversas modalidades de EJA oferecidas pela Prefeitura de São Paulo, em nosso bairro. Para tanto, partimos da ideia de que “...é preciso construir de maneira coletiva, com a participação de toda a



comunidade educacional e, claro, dos grupos sociais mais desfavorecidos e marginalizados, uma pedagogia crítica e libertadora”, (SANTOMÉ, 2012, p-157), que proporcione uma formação contínua aos educadores(as) e educandos(as) da EJA, para garantir-lhes o acesso ao conhecimento e a condição de “seres fazedores de História e por ela feitos, seres de decisão, da ruptura, da decisão. Seres éticos, mesmo capazes de transgredir a ética indispensável (FREIRE, 2002, p-145 a 146).

Porém, para contar a história do I Encontro de Educação Popular do CEU Heliópolis Prof^a Arlete Persoli, realizado em maio de 2016, é necessário começar pelo contexto no qual ele foi gerado. Com uma área de aproximadamente um milhão de metros quadrados, o bairro de Heliópolis é situado na região sudeste da cidade de São Paulo, Distrito do Sacomã. Segundo o Senso do IBGE de 2014, o bairro de Heliópolis tem cerca de quarenta e um mil habitantes. Nas décadas de 1970 e 1980 o bairro era composto por milhares de barracos. Hoje são mais de dezoito mil imóveis, construções de alvenaria, com saneamento básico, energia elétrica, coleta de lixo e transporte público nas ruas principais. A história do bairro é marcada por ocupações, violentas disputas com os grileiros e vários conflitos com a polícia. Essa realidade propiciou um ambiente em que a mobilização comunitária se organizou em defesa do direito à moradia. Vários núcleos de moradores se organizaram na mesma luta e, na década de 1980 se unificaram dando origem à União de Núcleos e Associações de Moradores de Heliópolis e Região (UNAS), hoje a mais importante organização civil local, com mais de quarenta projetos espalhados pelo bairro. Na década de 1990, a UNAS se tornou parceira da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Presidente Campos Salles, na luta por educação de qualidade. O recém chegado diretor Braz Nogueira encontrou uma escola refém da violência imposta pelo tráfico e decidiu aproximar-se da comunidade para iniciar um trabalho de democratização da gestão. Braz adotou dois princípios que passaram a pautar todas as ações da escola: “A escola como um centro de liderança” e “Tudo passa pela educação”. As paredes que dividiam as salas de aula foram quebradas e transformadas em grandes salões, os alunos passaram a trabalhar em grupos, através de roteiros desenvolvidos pelos professores, dando uma abordagem completamente nova aos conteúdos e à relação com o espaço escolar. O projeto ganhou força com a implementação dos princípios da Escola da Ponte: “Autonomia”, “Responsabilidade” e “Solidariedade”, compondo assim, os cinco princípios que, na relação de parceria que se estabeleceu entre a EMEF Campos Salles e a UNAS, têm



sido levados para todo o bairro de Heliópolis, como um projeto de transformá-lo em um Bairro Educador, a exemplo do que sugere o conceito de Cidades Educadoras:

O conceito de Cidades Educadoras surgiu na década de 1990 em Barcelona e propõe que a gestão dos territórios seja voltada para a garantia do desenvolvimento integral das pessoas que lá vivem. Nesse sentido, além da formação ser uma prática permanente, capaz de estimular iniciativas e projetos que proponham soluções para os problemas da comunidade, o poder público, articulado ao território teria uma tarefa “pedagógica” e a cidade seria um espaço privilegiado para tal, uma vez que oferece mais oportunidades de aproximação entre o Estado e as pessoas. (PPP CEU Heliópolis, 2016, p-21-22).

Nesse contexto de movimento comunitário, de educação e de lutas por direitos, depois de anos de negociação entre a comunidade organizada e o poder público, a Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP) construiu o Centro de Convivência Educativa e Cultural de Heliópolis (CCEC), transformado em Centro Educacional Unificado, CEU, em 2015, durante a gestão do Prefeito Fernando Haddad. O nome da professora Arlete Persoli foi acrescentado ao nome do CEU Heliópolis pelo fato de ela ter sido uma das lideranças mais importantes na história de construção do CEU. Arlete faleceu meses antes de sua inauguração e foi homenageada pelos moradores de Heliópolis, tendo seu nome eternizado, acrescentado ao nome do CEU. Assim, o CEU Heliópolis Prof^ª Arlete Persoli é resultado da luta de seus moradores organizados, em parceria com a EMEF Campos Salles, com a participação ativa de milhares de atores sociais.

Tendo em seu “DNA” essa história híbrida de movimentos comunitários e educação, o CEU Heliópolis nasce com o compromisso de articular as políticas públicas à serviço da comunidade e de mobilizar diferentes atores na transformação da comunidade em um Bairro Educador, pautado nos cinco princípios: “Tudo passa pela educação, A escola como um centro de liderança, Autonomia, Responsabilidade e Solidariedade”.

É nesse ambiente de movimento comunitário e espaços educativos que nasce a ideia de realizar o I Encontro de Educação Popular do CEU Heliópolis.

A equipe gestora do CEU participou de vários encontros de formação e discussão nos últimos anos, oferecidos pela Divisão Pedagógica da Secretaria Municipal de São Paulo, DIPED-SME e a Diretoria Regional de Educação, DRE, Ipiranga, São Paulo. Durante esses encontros, duas necessidades foram observadas:

- Carência de momentos de encontro e diálogo entre os educadores que trabalham com a Educação de Jovens e Adultos (EJA) para compartilhar experiências;



- A importância de destacar a EJA como uma das manifestações da Educação Popular, considerando as origens dos estudantes que procuram esta modalidade de educação, e as formas de exclusão a que foram submetidos.

À equipe do CEU Heliópolis pareceu importante marcar nossa presença no bairro com uma reflexão político-ideológica que identificasse de que lado estamos, quem são os sujeitos que defendemos diante da atual conjuntura de golpe civil que se instala. A partir dessas reflexões, construímos em parceria com a DRE Ipiranga o I Encontro de Educação Popular do CEU Heliópolis - Diálogos com a Educação de Jovens e Adultos” Nosso desafio foi pensar a EJA como parte da Educação Popular, e pensar cada estudante, cada educador, como sujeito de direitos, saberes, história, cultura, buscando integrar as diversas modalidades de EJA que atuam na Prefeitura de São Paulo: 1 – A EJA Regular, oferecida nas Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEF’s), no período noturno; 2 - O Movimento de Alfabetização (MOVA-SP), criado por Paulo Freire em 1984, período em que atuou como Secretário de Educação durante a gestão da Prefeita Luiza Erundina, que atende alunos que nunca estiveram, ou estão a muito tempo fora da escola; 3 - O Centro Municipal de Capacitação e Treinamento (CMCT), que oferece capacitação profissional básica nas áreas de Administração, Confeitaria, Eletricidade, Panificação e Mecânica de Automóveis; 4 – A EJA Modular, oferecida em algumas EMEF’s, com os componentes curriculares obrigatórios organizados em módulos de 50 dias letivos e atividades de enriquecimento curricular e 5 – O Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA), Unidade Educacional que atende jovens e adultos em três períodos (manhã, tarde e noite) em até seis turnos diários, articulando em seu Projeto Político-Pedagógico (PPP) o Ensino Fundamental e a Qualificação Profissional Inicial.

Os principais objetivos que traçamos para esse Encontro foram:

- Promover discussões e reflexões sobre as relações entre a Educação Popular e a Educação de Jovens e Adultos;
- Promover o diálogo e a aproximação entre educadores(as) e educandos(as) das diferentes modalidades de Educação de Jovens e Adultos oferecidas pela Prefeitura da cidade de São Paulo em nosso bairro;
- Compartilhar as práticas e experiências de cada modalidade;



- Criar momentos de reflexão sobre as práticas e concepções que vêm sendo construídas ao longo da história, e que ainda estão por construir, com vistas à formação de um Fórum de Educação de Jovens e Adultos em nossa região.

Metodologia:

Muitas discussões foram travadas entre a equipe do CEU Heliópolis e a DIPED da DRE Ipiranga sobre como iniciáramos o projeto do Encontro. A estrutura que pensamos foi criar várias mesas de debates. Para definir os temas das mesas, decidimos a partir de uma pesquisa *on line*, realizada pela DIPED, na qual os educadores(as) sugeriam assuntos que gostariam de ver discutidos no Encontro e, assim, definimos o tema da mesa de abertura e o tema de sete salas de discussões, nas quais os participantes se inscreveriam de acordo com seus interesses.

Como não concebemos a Educação separada da Cultura, decidimos que as mesas, as salas temáticas e as oficinas começariam com apresentações artísticas, considerando que

Quando se analisa de maneira atenta os conteúdos que são desenvolvidos de forma explícita na maioria das instituições escolares e aquilo que é enfatizado nas propostas curriculares, chama fortemente a atenção a enorme presença das culturas que podemos chamar de hegemônicas. As culturas ou vozes dos grupos sociais minoritários e/ou marginalizados que não dispõem de estruturas importantes de poder costumam ser silenciadas quando não estereotipadas e deformadas, para anular suas possibilidades de reação. (SANTOMÉ, 2012, p-157).

Assim, optamos por dar espaço cultura dos sujeitos da nossa região, iniciando as mesas, salas temáticas e oficinas com apresentações artísticas dos educandos(as) da EJA e dos artistas locais.

O I Encontro de Educação Popular do CEU Heliópolis – diálogos com a Educação de Jovens e Adultos, aconteceu nos dias treze e quatorze de maio de 2016, e contou com a seguinte programação:

DATA:	EVENTO:	CONVIDADOS:
13 de maio às 19h00	Mesa de Abertura	Iraci Ferreira (Fórum MOVA São Paulo); Lívia Maria Antongiovanni (Diretora de DIEJA – SME); Edna Rossetto (COCEU – SME e MST);



		Luís Galeão (Instituto de Psicologia – USP);
Salas de Debates:		
14 de maio das 9 às 12h00	Sala 1: Alfabetização e Letramento	Mediadora: Meire Lima (Coordenadora de Projetos Educacionais – CEU Heliópolis)
	Sala 2: Cartografia da Memória	Mediador: Lucas Paolo S. Vilalva (Coletivo Político Quem e Instituto Outubro)
	Sala 3: Por que pobreza? - Educação e desigualdade	Mediadora: Vanessa Pipinis (Canal Futura)
	Sala 4: Currículos para EJA e territórios	Mediador: Ewerton Meneses (Coordenador Pedagógico CIEJA Clóvis Caitano Miquelazzo)
	Sala 5: Círculo de Cultura, Educação e Direitos Humanos em sua transversalidade	Mediador: Ruivo Lopes (Poeta e integrante do Coletivo Perifatividade)
	Sala 6: Juvenilização da EJA	Mediadoras: Cristiane Teixeira (Representante da Juventude da subprefeitura do Ipiranga) Nínive Loriane (Diretora da UNAS, Coordenadora do Projeto Facebook na Comunidade, Suplente da cadeira de Educação do Conselho Municipal da Juventude de São Paulo, estudante de Comunicação)
	Sala 7: Teatro do Oprimido	Mediador: Danilo Minharro (Ator e formador de educadores em Teatro do Oprimido)

Descrição das Atividades:



Abertura:

Para abrir o evento tivemos a apresentação de uma peça teatral do alunos e alunas do CIEJA Clovis Caitano Miquelazzo, que discutia a questão da mulher na sociedade, inspirada em um conto de Marina Colasanti. Em seguida tivemos a leitura do poema “Brasi caboclo”, de Zé da Luz, importante poeta popular brasileiro.

As falas de abertura foram feitas por Marília De Santis, gestora do CEU Heliópolis, Braz Nogueira, que foi Diretor da EMEF Presidente Campos Salles e hoje é Diretor Regional da DRE Ipiranga, São Paulo. Contamos também com a contribuição de Ilma Lopes de Aquino, Diretora do DIPED da DRE Ipiranga, e com Antônia Cleide Alves, Presidente da UNAS e uma importante liderança local.

Mesa de Abertura:

A mesa de abertura teve como tema “O compromisso político do educador na Educação de Jovens e Adultos” e contou com as seguintes presenças:

- Iraci Ferreira, do Fórum MOVA São Paulo;
- Livia Maria Antongiovanni, Diretora de DIEJA, na Secretaria Municipal de Educação de São Paulo;
- Edna Rossetto, da Coordenadoria dos CEU's e da Educação Integral (COCEU), e representante do Movimento Sem Terra (MST), que fez um relato sobre a Educação de Jovens e Adultos no Movimento Sem Terra (MST);
- Luís Guilherme Galeão da Silva, professor do Departamento de Psicologia Social e do Trabalho da Universidade de São Paulo (USP), que abordou a importância da preservação das memórias dos sujeitos no espaço social e na Educação Popular.

As salas temáticas e oficinas aconteceram ao longo do dia 14 de maio de 2016 e contaram com a seguinte programação:

Salas Temáticas:

Sala 1 – Alfabetização e Letramento – Relatos de prática:

- Apresentação Cultural: Coral do MOVA.

Em nossos contatos anteriores com o MOVA percebemos que muitos educandos(as) tinham dificuldade de deixar o MOVA e continuar seus estudos nas escolas municipais. Nosso objetivo com a realização sala de discussões foi promover um contato mais aproximado entre as educadoras do MOVA e os educadores(as) das escolas municipais



que oferecem a EJA, para que compartilhassem suas práticas e discutissem o que têm em comum e quais seriam as singularidades de cada modalidade.

Iniciamos com a Entidade Lareira MOVA, que fez um relato de sua prática de Alfabetização de Jovens e Adultos, depois abrimos para outros relatos e perguntas. A intenção foi mostrar que não se trata de processos muito diferentes, para estimular os alunos a conhecerem anteriormente as escolas para as quais poderiam ir, ao final de sua passagem pelo MOVA, dando-lhes familiaridade, segurança e confiança para continuarem seus estudos.

Sala 2 – Cartografia da Memória:

- Apresentação Cultural: Exibição do filme: “Memórias de Heliópolis”.

Esta sala contou com a presença de Lucas Paolo S Vilalva, representante do Coletivo Político Quem e do Instituto Outubro. Ele trabalhou com os presentes a partir de uma dinâmica de cartografia da memória.

Nossa intenção ao trabalharmos com as memórias dos moradores de Heliópolis e dos participantes dessa mesa veio do fato de entendermos que narrar e ouvir histórias é uma ação poderosa, uma vez que recontando uma história pode-se destruir, deslegitimar e desmistificar significados ocultados pelo tempo, pode-se desvelar a identidade do lugar e o lugar que as identidades ocupam nele.

Cartografia é esse conjunto de Técnicas capazes de propor uma “representação” do mundo, de determinada parte dele, ou de representar diversos mundos (os constantes nos imaginários, nas narrativas, nas histórias de vida), através de Mapas, Plantas e Cartas, incluindo-se neste rol os mapas mentais. Cartografia é Técnica por ser uma maneira de representar o espaço através de um processo de atividades materiais e simbólicas própria. (BARBOSA, 2010, p- 4)

Através das histórias de vida dos presentes pudemos dimensionar algo do processo de produção do espaço social em que nos encontramos. Os mapas produzidos durante a atividade foram expostos a todos os presentes, ao final do evento.

Sala 3 – Por que pobreza? Educação e Desigualdade:

O projeto “Maleta Por que pobreza?” é um projeto do Canal Futura, fruto da parceria entre a organização *Steps International*, a BBC e 70 emissoras de diversos países. O projeto busca mobilizar milhões de pessoas ao redor do mundo através do rádio, televisão, internet e encontros, ampliar as discussões sobre as desigualdades sociais e



combatê-las. Parte de um material pedagógico especialmente desenvolvido, que é distribuído aos educadores e lideranças comunitárias, para estimular discussões sobre o papel da educação no enfrentamento da pobreza.

A pobreza é uma condição multidimensional que afeta a capacidade de crianças, jovens e adultos de aprender, fazer, ser e conviver. A educação – escolar e não escolar – têm, no entanto uma imensa responsabilidade no enfrentamento das condições que produzem e reproduzem a pobreza. A educação deve promover e estimular a ação de pessoas e grupos em favor da justiça e de valores que representam o bem comum. Portanto, o compromisso da educação com o tema da pobreza vai muito além da simples denúncia ou da indignação momentânea. Os verbos pretendem remeter aos “pilares: aprender a aprender, a fazer, a ser e a conviver” (UNESCO in: EITLER e BRANDÃO, 2014).

O material disponibilizado pelo projeto vem dentro de uma linda maleta, que contém dezenas de documentários, um caderno com textos inéditos, artigos conceituais, contextualização dos documentários e propostas de atividades. A partir desse material, Vanessa Pipinis, representante do Canal Futura, desenvolveu a atividade desta sala com os presentes. Eles criaram vários painéis cheios de sínteses das discussões travadas durante o trabalho, esses painéis ficaram expostos para apreciação dos participantes do evento e também dos demais frequentadores do CEU.

Sala 4 – Currículos para a EJA e territórios:

A proposta desta mesa, mediada por Ewerton Meneses, coordenador pedagógico do CIEJA Clóvis Caitano Milquelazzo, foi discutir as possibilidades de desenvolver diferentes currículos para os alunos(as) da EJA, a partir dos princípios e práticas pedagógicas para a EJA, propostos pela Secretaria Municipal de Educação, em documento lançado no início de 2016.

A discussão de currículo está diretamente ligada à prática educativa, pois é a partir da práxis que ele se concretiza. Desse modo, a prática educativa envolve educandos(as) e educadores(as) e tem no diálogo o alicerce dessa relação.

O diálogo é o fundamento pedagógico de uma prática educativa que estabelece relações horizontais entre educandos(as) e educadores(as), com a compreensão de que não há saber mais ou menos importante, mas saberes diferentes. (Secretaria Municipal de Educação, 2016, p-27).

Dentro da Metodologia Dialógica proposta por esse documento, as experiências dos educadores(as) presentes foram pensadas e compartilhadas, para estabelecer conexões entre o currículo e os projetos de vida dos educandos, dando significado ao aprendizado e para propor assuntos possíveis e pertinentes para as atividades na EJA.



Sala 5 – Círculo de Cultura, Educação e Direitos Humanos em sua transversalidade:

Esta sala foi coordenada por Ruivo Lopes, poeta e integrante o Coletivo Perifatividade, um grupo de artistas e educadores muito atuantes em nossa região. Eles realizam encontros culturais nas favelas, abrigos e qualquer outro lugar onde possam interagir com música, reflexão e incentivo à leitura e criação literária.

Nesta sala, Ruivo atuou com o grupo como um “animador de debates”, conforme descreve Carlos Rodrigues Brandão, ao descrever como acontece a coordenação dos Círculos de Cultura no Método Paulo Freire:

O animador coordena um grupo que não dirige e, a todo momento, anima um trabalho orientando uma equipe cuja maior qualidade deve ser a participação ativa em todos os momentos do diálogo, que é o seu único método de estudo no círculo. (BRANDÃO, 2000, p-23).

O grupo produziu alguns cartazes com frases discutidas ao longo do encontro, a partir das práticas do círculo de cultura, exercitando modos coletivos de pensar e aprender juntos. Essas frases foram apresentadas aos presentes, ao final do processo.

Sala 6 – Roda de Conversa sobre Juvenilização da EJA;

Esta sala foi coordenada por Cristiane Teixeira, representante da Juventude da Subprefeitura do Ipiranga e por Nínive Loriane, diretora da UNAS, Coordenadora do projeto “Facebook na Comunidade”, suplente da cadeira e Educação do Conselho Municipal da Juventude de São Paulo e estudante de comunicação.

Os jovens que frequentam a EJA

...buscam oportunidades de explicitar seus interesses, pois a sua voz traz interrogações e desejos de quem já participou de outros processos de formação que foram construídos em múltiplos e mais diversos espaços e tempos históricos. São conhecimentos constituídos com base em matrizes das suas histórias e trajetórias territoriais, em espaços educativos ou não; em famílias que se apresentam com os mais diversos arranjos; em trabalhos que trazem experiências de empregos, subempregos e desempregos; nos movimentos sociais, na sua cultura, nos grupos juvenis, na igreja, entre outros. (BERGER e DURAND, 2010, p.11).

A ideia nesta sala foi discutir o fenômeno da juvenilização da EJA, a partir dos relatos dos jovens, para desconstruir o discurso recorrente de que “os jovens não querem nada com nada”. As duas coordenadoras da sala são jovens da comunidade, ambas com uma participação muito importante em programas sociais da cidade e da UNAS, por isso



seus depoimentos trouxeram um pouco dos desejos e perspectivas dos jovens, problematizando sua presença como cidadãos na sociedade contemporânea.

Sala 7 – Oficina Teatro do Oprimido:

O coordenador desta sala foi Danilo Minharro, ator e formador de educadores(as) em Teatro do Oprimido.

A metodologia do Teatro do Oprimido, desenvolvida por Augusto Boal, que propõe que “o teatro pode ser uma arma de libertação, de transformação social e educativa”. Pensamos que reunir educadores(as) para discutir questões pertinentes à Educação Popular exige, também, uma busca por diferentes formatos, quebrando as barreiras da inibição e do distanciamento entre os sujeitos.

No Teatro do Oprimido,

A técnica teatral é empregada como um método de educação popular, que contribui para a compreensão do indivíduo e contextualização dos fatos sociais. Nem sempre os canais formais de participação social, são suficientes para detectar as demandas da população. No ambiente formal das reuniões, nem sempre as pessoas se sentem desinibidas para se manifestarem, o que prejudica a discussão de temas importantes. Promover a participação popular exige a procura de novas linguagens que favoreçam ao diálogo entre governo e população, criando novos espaços onde a expressão criativa dos indivíduos seja estimulada. A participação popular é um componente fundamental para consolidação da democracia. Para que esta participação se torne efetiva, é necessário um trabalho educativo que, ajude a população a entender os aspectos envolvidos nas relações de poder. Na vida cotidiana, observamos situações de opressão, discriminação e preconceitos não discutidos e, muitas vezes não resolvidos. (TEIXEIRA, 2016, p- 4).

Dessa forma, oferecer no nosso I Encontro de Educação Popular uma Oficina de Teatro do Oprimido foi uma estratégia extremamente coerente, importante e necessária. O coordenador Danilo Minharro utilizou os jogos, exercícios e técnicas teatrais do Teatro do Oprimido, para estimular discussões e problematizações coletivas, sobre questões públicas do cotidiano, convidando os participantes a refletirem sobre como se estabelecem as relações de poder no mundo capitalista, usando como ponto de partida pequenas histórias sobre opressor e oprimido.

Plenária:

A plenária de finalização das atividades desenvolvidas no I Encontro de Educação Popular do CEU Heliópolis aconteceu como em um Círculo de Cultura. Sentamo-nos em círculo com todos os presentes e fomos dividindo os relatos das experiências vividas



durante o dia, discutimos os passos seguintes para a efetivação da implantação do Fórum de Educação Popular e da EJA, na DRE Ipiranga.

Os grupos recriaram algumas práticas que foram desenvolvidas nas salas, compartilhando um pouco de suas vivências com os participantes de outras mesas.

Encerramento:

À moda da Cultura Popular, encerramos o Encontro com a realização de uma Ciranda, que convidou todos os presentes a celebrar dois dias de muita experiência e conhecimento, compartilhados de forma democrática e libertadora, com a consciência de que, “...embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado, forma-se e forma ao ser formado”. (FREIRE, 2002, p-25).

Resultados:

O Encontro aconteceu de forma muito satisfatória, envolvendo 300 pessoas, entre alunos(as), docentes, educadores(as) das salas do MOVA, supervisores de ensino, coordenadores(as) pedagógicos, artistas da comunidade, uma participação bastante diversa, que garantiu o sucesso do evento e nos estimulou a repeti-lo no próximo ano. O Fórum de Educação Popular, cuja efetivação era um dos grandes objetivos do Encontro, está em andamento e também realizamos mais um evento, que gerou ainda mais interação entre os profissionais que compõem a EJA em nossa região. Em virtude do fortalecimento de nossa parceria com a DRE Ipiranga, realizamos em junho de 2016 um curso de Educação Popular para os docentes da Rede Municipal, a partir do acervo da Biblioteca do CEU Heliópolis, em um espaço permanente que chamamos de Espaço do Bairro Educador, com a intenção de alimentar e dar continuidade aos nossos debates e descobertas.

No bairro de Heliópolis há treze salas de MOVA, onze delas administradas pela UNAS. A partir das discussões travadas em nosso Encontro, estreitamos nossas relações com a coordenação e com as educadoras do MOVA-UNAS e, juntos, temos realizado várias ações de valorização do MOVA e dos sujeitos que o compõem em nossa região. Realizamos desde outubro de 2016 um programa na Rádio Heliópolis FM, chamado "A voz do MOVA", no qual contamos as histórias de vida das educadoras e dos educandos(as) do MOVA-UNAS, entrelaçadas com a trilha sonora escolhida por eles, com o compromisso de valorizar suas memórias e suas identidades.



Após as discussões feitas sobre Alfabetização e letramento, as educadoras do MOVA trouxeram alguns relatos de alunos que acabaram indo para uma EMEF próxima à sala de MOVA em que estudavam, dando continuidade aos seus estudos, o que nos deixou bastante satisfeitos, ao ver um de nossos objetivos se concretizando.

Sabemos que educar é um ato político, por isso terminamos nosso evento com a certeza de termos dado um importante passo na direção de fortalecer os sujeitos da EJA em nossa região e também fortalecer a EJA como uma modalidade da Educação Popular, já que “...educar-se significa transformar relações, o modo de pensar e agir socialmente. Portanto, a educação como um ato político coloca o sujeito frente à realidade de maneira crítica e consciente para que possa compreender, se apropriar e interferir nessa realidade” (FREIRE, 2002, p-147), e não portar-se apenas como um observador passivo. A realização do I Encontro de Educação Popular nos deixou bastante orgulhosos e ciosos de que estamos realizando, na trajetória de nossa gestão no CEU Heliópolis, ações significativas para estabelecer relações e diálogos com o cotidiano da EJA como modalidade da Educação Popular, e garantir visibilidade às singularidades desse segmento.

Referências:

BARBOSA, Xênia de Castro. *Memória, espaço e cartografia – por uma cartografia da memória*. Porto Velho, RO, Editora Edufro, 2010.

Disponível em:

http://www.primeiraversao.unir.br/atigos_pdf/249_xenia.pdf

Acesso em 15/12/2016.

BEISIEGEL, Celso de Rui. *Política e educação popular: a teoria e a prática de Paulo Freire*. Brasília, DF, Editora Líber Livro, 2008.

BERGER, Daniel Godinho. DURAND, OLGA Celestina da Silva. *Sujeitos jovens da EJA: implicações metodológicas*. Florianópolis, SC, p-11. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2010/Educacao_de_Jovens_e_Adultos/Trabalho/09_08_30_SUJEITOS_JOVENS_DA_EJA__IMPLICACOES_METODOLOGICAS.PDF> Acesso em 04 dez. 2016.



BOAL, Augusto. *Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro, RJ, Civilização Brasileira, 1975.

_____. *Técnicas latino-americanas de teatro popular*. São Paulo, SP, Editora Hucitec, 1984.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é o método Paulo Freire*. 17ª Edição, Ed. Brasiliense, 1991

Disponível em:

http://www.sitiodarosadosventos.com.br/livro/images/stories/anexos/oque_metodo_paulo_freire.pdf Acesso em 02/12/2016.

DI PIERRO, Maria Clara. *A educação de jovens e adultos no Plano Nacional de Educação: avaliação, desafios e perspectivas*. vol.31, nº. 112, p.939-959.

Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n112/15.pdf>> Acesso em 12/12/2016.

EITLER, Kitta. BRANDÃO, Ana Paula (org.) *Por que pobreza?: educação e desigualdade*. Rio de Janeiro, RJ, Fundação Roberto Marinho, 2014.

Disponível em:

<<http://www.maletafutura.org.br/ui/Maleta-por-que-pobreza.aspx>> Acesso em 15/12/2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa*. São Paulo, SP, Editora Paz e Terra, 22ª edição, Coleção Leitura, 2002.

_____. (1996). *Pedagogia do oprimido*. São Paulo, SP, 23ª reimpressão. Editora Paz e Terra, 1996.

_____. *Conscientização – Teoria e Prática da Libertação*. São Paulo, SP, 3ª edição, Editora Moraes, 1980.



ALFAEJA
III Encontro Internacional de Alfabetização
e Educação de Jovens e Adultos

HADDAD, Sérgio, DI PIERRO, Maria Clara. *Escolarização de jovens e adultos*. Rev. Bras. Educ., Ago 2000, no.14, p.108-130. ISSN 1413-2478

Disponível em:

<<http://www.redalyc.org/pdf/275/27501407.pdf>> Acesso em 10/12/2016.

SANTOMÉ, Furjo Torres. *As culturas negadas e silenciadas no currículo*. In: *Alienígenas na sala de aula*/Tomás Tadeu da Silva (org.), Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 2012.

Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Educação de Jovens e Adultos. *Educação de Jovens e Adultos: princípios e práticas*/ Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2016.

TEIXEIRA, Tânia Márcia Baraúna. *Dimensões Sócio Educativas do Teatro do Oprimido de Augusto Boal: Uma proposta de Intervenção*. (p- 4 e 5).

Disponível em:

<<http://www.iacat.com/revista/recreate/recreate04/Seccion4/Teatro%20del%20oprimido.pdf>> Acesso em 15/12/2016.